



Classificação racial segregacionista inibiu miscigenação nos Estados Unidos

Os Estados Unidos orgulham-se de haver assimilado um caldeirão de culturas e raças – o *melting pot* é frequentemente apontado como uma das alcanças do progresso da grande potência. Daí a surpresa do geneticista Sérgio Danilo Pena, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ao analisar seqüências de DNA mitocondrial de norte-americanos caucasianos armazenados no banco de dados de uso forense do FBI, a polícia federal do país, em busca da origem genética dos brancos dos EUA.

O pesquisador encontrou um índice de miscigenação excepcionalmente baixo. Apenas 3,1% das amostras revelavam algum traço de ascendência africana ou indígena. Foram analisadas amostras de 1.387 indivíduos. Apenas 31 exibiam traços genéticos asiáticos e ameríndios, enquanto outras 13 tinham linhagens de DNA africanas. O número contrasta fortemente com os achados em populações que se declaram brancas no Brasil e em países da América Latina e também na população negra norte-americana. Nesses grupos, a miscigenação se caracteriza por um componente africano mais evidente do lado materno, mas uma contribuição européia no lado dos genes masculinos, um sinal também de exploração sexual das mulheres negras pelos homens brancos na época da escravidão.

No artigo “Sex-biased gene flow in african americans but not in american caucasians”, recém-publicado na revista brasileira *Genetics and Molecular Research*, Pena e sua equipe do Departamento de Bioquímica e Imunologia da UFMG dão uma resposta singela para a discrepância: a miscigenação é baixa por causa da rígida classificação racial seguida nos Estados Unidos, herança dos tem-

pos de escravidão e segregação explícita. Tal critério vigorou do século XVIII até o final da década de 1960, quando foi declarado inconstitucional, mas ainda influencia os costumes do país.

Conhecida como *one drop rule* – uma única gota de sangue negro torna o indivíduo negro –, essa forma segregacionista de categorização segundo a qual mesmo um distante trisavô negro (a proporção é de 1/32 de ascendência africana) define que o indivíduo é negro, a regra foi adotada com o pretexto de decidir o destino dos filhos de escravos com brancos, mas se tornou uma das pedras fundamentais do racismo nos EUA ao desestimular fortemente os casamentos inter-raciais. “Faz todo o sentido que aquelas amostras tenham traços tão escassos de antepassados negros ou índios. Se contivessem, não teriam sido classificados como brancos”, afirma o pesquisador.

No Brasil escravista, ao contrário, a definição de raça dependia muito da aparência do mestiço – se fosse claro, ganhava até o direito de morar na casa-grande. “As práticas sociais dos Estados Unidos e da América Latina divergem consideravelmente. Esta pesquisa mostra que a classificação racial pode desempenhar um papel importante nas relações inter-raciais e que a genética molecular é uma aliada poderosa das ciências sociais”, diz Pena.

Traços do rosto - A pesquisa com os caucasianos norte-americanos deixou uma lição para o professor da UFMG: “É mais fácil explicar um fenômeno do que prevê-lo”. No final dos anos 1990, ele também não fazia idéia do que iria encontrar quando começou a pesquisar a origem genética de 200 brasileiros brancos, de diversas origens e regiões do

Negro é expulso de vagão de trem na Filadélfia: desenho de autor desconhecido publicado em 1856 na revista *Illustrated London News*

país. Como marcadores biológicos, os pesquisadores examinaram a variação do cromossomo Y, exclusivamente masculino, e o DNA mitocondrial, encontrado nas mitocôndrias, e considerado um dos indicadores mais precisos da herança materna. Verificou-se que, entre os brancos brasileiros, cerca de 60% das linhagens maternas são de origem ameríndia ou africana, enquanto a vasta maioria, mais de 95%, das linhagens paternas dos brancos brasileiros é de origem europeia – portanto, menos que um em cada 20 brasileiros brancos tem um ascendente paterno negro ou índio. Entretanto, pelo lado materno, seis em cada dez têm ascendência negra ou índia.

Mesmo que não se traduza necessariamente em traços do rosto ou na cor da pele, a miscigenação entre os povos formadores do Brasil é mais intensa do que se imaginava. A pesquisa foi divulgada em 2000, durante as comemorações dos cinco séculos da chegada dos portugueses. Mais recentemente estudou-se a herança genética encontrada nos negros brasileiros (ver Pesquisa FAPESP 134). A análise do material genético feita por Pena e Maria Cátira Bortolini, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mostra: 85% dos pretos brasileiros têm uma ancestral africana, mas só 47% guardam linhagens africanas herdadas de homens – o restante tem ancestrais europeus do lado masculino. ■



BIBLIOTECA DO CONGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS